



## O RIO

Conta a lenda que, um dia, um venerando Mestre da arte do sabre reuniu os seus discípulos, junto das margens do rio. Eram quatro, como os ciclos da lua, como as estações do ano ou como as idades do homem, e disse-lhes:

- Hoje terminou o meu ensinamento. Tudo o que sabia foi transmitido, e agora podeis partir para o mundo. Nada se igual à vossa mestria, à vossa coragem, mas antes gostaria de vos deixar um segredo. Este segredo é a minha herança e só a um o posso dar. Aquele que for merecedor dele. Esse será o meu seguidor.

Os quatro entreolharam-se e perguntaram em unísono ao Mestre.

- Diz-nos, ó venerando, o que devemos fazer para merecer esse segredo.
- Quero o rio! Respondeu o Mestre.

O mais novo e desajeitado dos quatro ergueu-se apressadamente e, correndo para o rio, regressou com ambas mãos juntas, em forma de concha, cheias de água que ofereceu ao Mestre, dizendo:

- Bebei das minhas mãos, e assim expondo-as, mostro o quanto respeito a tua doçura.
- Não quero uma parcela do rio! Disse o Mestre.

O segundo discípulo, mais velho que o anterior, ergueu-se e fazendo jus da sua força, colocou um tronco de árvore que desviou o curso do rio até ao Mestre.

- Eis o rio, Mestre. Aqui mostro o quanto admiro a sua força.
- Não quero o caudal! Porque se esqueceram do que lhes ensinei? Disse o Mestre para ambos.

O terceiro, mais velho que qualquer um dos outros, pegou no sabre, e cortando o rio num movimento perfeito trouxe ao seu Mestre umas gotas de água, equilibradas na lamina do sabre.

- A tua sabedoria Mestre, não tem limites. Aqui está essência do rio, que com a tua arte me ensinaste a vencer.
- O sabre não pode vencer o rio. O rio é o rio, e ele existia antes e existirá depois. Não me deste o rio. E tu ó mais velho dos quatro? Porque permaneces aí calado, olhando o chão como se ele tivesse a resposta para as tuas dúvidas? Dá-me o rio!

Após um breve momento de silêncio, o mais velho dos quatro ergueu-se lentamente e, dirigindo-se lenta mas firmemente para o Mestre, colocou-se diante dele. Fez-lhe uma reverência, e num golpe quase impossível de detectar com os olhos, decepou-o. Embainhou o sabre, e depois de uma outra reverência ao corpo prostrado do velho, retirou o sabre posando-o no chão, após o que começou a afastar-se em silêncio dos restantes.



Atónicos os outros três correram para ele aos gritos, com os sabres empunhados, para terminarem com a vida do assassino do seu Mestre. Após o derrubarem, sem que ele oferecesse resistência, o mais jovem dos três perguntou-lhe irado:

- Como pudeste assassinar o nosso Mestre, tu que eras o mais doce de nós?
- Sim, como? Tu que eras o mais forte de nós? Disse-lhe o do meio.
- Tu que respiravas sabedoria, que o Mestre olhava com respeito, e a quem ele ensinou o respeito por tudo o que respira ... Porquê? Explica-nos antes que terminemos com a tua miserável vida. Terminou o terceiro.

E o quarto, olhando-os com benevolência e calmamente, como quem participa de uma qualquer refeição matinal, antes de dar início ao ciclo do dia, falou:

- O Mestre ensinou-nos que a via do sabre era a descoberta da inutilidade dele, pois tudo é ilusão. O sabre é uma ilusão assim como aquele que o empunha. O rio é uma ilusão, e a demanda dele, outra. A vida é uma ilusão, e a morte também, pois nada pode terminar com aquilo que existe para além do corpo: a própria vida. O Mestre, que era uma ilusão, queria transmitir-nos o seu último ensinamento, o segredo final, e pediu aquilo que não era possível receber nem dar, o rio. Onde começa e onde acaba verdadeiramente? Na fonte de onde brota ou nas gotas de chuva que a alimenta? E onde termina? Na foz onde desagua, ou nas nuvens para onde ele foge? Como podíeis dar-lhe isso?
- Mas se tudo é ilusão porque seguiste o Mestre? Perguntou um deles.
- Porque essa era a minha ilusão, e eu, a vossa. Respondeu o quarto.

E olhando-os nos olhos, sorriu. E eles viram no seu olhar aquele olhar que eles amavam no Mestre, o olhar daquele que já não necessita de olhar para ver, mover-se para partir ou chegar, ou de estar para ser, e depois de o erguerem e fazerem uma reverência, seguiram o Mestre em silêncio, afastando-se cada um na sua direcção. Outra versão da história conta-nos que acabaram por seguir o quarto contra a sua vontade. A última versão diz-nos que os três mais novos acabaram por decepar também o quarto fazendo assim justiça...

(TEXTO DE LUIS SANTOS)